

**AS CONTRIBUIÇÕES DE CARLOS DEL NEGRO AO PATRIMÔNIO  
BRASILEIRO: METODOLOGIA PARA O ESTUDO DA PINTURA MINEIRA (1958-  
1978)**

**CARLOS DEL NEGRO'S CONTRIBUTIONS TO THE BRAZILIAN HERITAGE:  
METHODOLOGY FOR PAINTING STUDIES IN MINAS GERAIS (1958-1978)**

**Mateus Alves Silva**

Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil

e-mail: mateus.silva@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0250-2912>

**DOI:**

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v7i14.26539>

Recebido em 7 de agosto de 2018

Aprovado em 6 de março de 2019

**RESUMO:**

Numa alusão aos dois principais escritos de Carlos Del Negro (*a Contribuição...* e *Nova Contribuição ao estudo da Pintura Mineira* [1958 e 1978]), este artigo remete às ações empreendidas pelo intelectual para o estudo e reconhecimento de características do patrimônio brasileiro, sobretudo aquele oriundo do período colonial presente em Minas Gerais. Suas obras continuam, décadas depois da sua publicação, como referência tanto para o estudo de casos específicos da produção de arquitetura e pintura quanto para a discussão sobre aproximações tipológicas e de modelos de referência. Além disso, se as *Contribuições* são fonte para o estudo das obras, por outro lado servem como referência para os processos de inventário e tombamento, quando utilizadas como base de estudo pelos órgãos competentes. Pretende-se, aqui, explorar a relação entre essas publicações e a política de patrimônio coetânea, bem como perceber elementos das noções de patrimônio de seu autor e interlocutores.

**Palavras-chave:** Carlos Del Negro; Política patrimonial; IPHAN

**ABSTRACT:**

Alluding to Carlos Del Negro's main works (*Contribuição...* e *Nova Contribuição ao estudo da Pintura Mineira* [1958 e 1978]), this paper refers to the actions taken by the author to study and learn the characteristics of the Brazilian heritage, including those of the colonial period. His works remain, even after decades of publishing, as a reference to the study of specific cases of architecture and painting and to the discussion on typologies and models. Besides that, these "Contribuições" (Contributions) are a source for the study of artworks and can also reveal the process of inventory and classification. This paper aims to explore the relationship between these publications and the heritage policies, and also shows the author's and his partners' understanding of the heritage.

**Keywords:** Carlos Del Negro; Heritage politics; IPHAN

## CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA PINTURA MINEIRA

Em 1958, Carlos Del Negro<sup>1</sup> publicou sua obra *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*. (Del Negro, 1958) O estudo, fruto de uma série de viagens pelo interior do estado de Minas Gerais, compreendia o levantamento e a análise da pintura realizada no interior dos templos religiosos, integrada à edificação, nos tetos de naves, capelas-mores e sacristias. Como definido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, no prefácio à obra, a publicação correspondia “a um dos estudos preparatórios que se tornavam indispensáveis para se delinear com segurança a evolução da pintura antiga em nosso país”(Andrade, 1958, p.7), uma vez que ainda não havia sido publicada uma pesquisa que fosse abrangente o suficiente para abarcar várias obras representativas daquele território. O intuito inicial de Carlos Del Negro consistia em tentar estabelecer um estudo sistemático das obras, dada a inexistência de uma análise de conjunto. Percorrendo, inicialmente, igrejas do século XVIII e princípios do XIX, perfazendo toda a região central e sul do estado, organizou um catálogo com informações sucintas - e, em grande parte, inéditas - dessas pinturas integradas. Somente em um segundo volume, publicado vinte anos mais tarde, é que iria ampliar o conjunto das obras, incluindo o norte de Minas, publicação que analisaremos adiante.

A obra de Del Negro integrava o 20º volume do ciclo de *Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, realizado pela então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>2</sup> em parceria com (e sob financiamento do) Ministério da Educação e Cultura. Desde a fundação do órgão, em 1937, já se assinalava o interesse em publicar obras que versassem sobre o patrimônio, em duas formas: estudos monográficos aprofundados, como as *Publicações*; e através de um veículo de divulgação, análise e debate, a *Revista do Patrimônio*. Ambas investidas se deram logo com a fundação do órgão e a intenção desses mecanismos foi apresentada por Rodrigo Melo Franco de Andrade - diretor do SPHAN entre 1937 e 1967 - na primeira das *Publicações*, *Mucambos do Nordeste*, de Gilberto Freire, publicada em 1937. No prefácio, Andrade assim se referia:

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional inicia as suas publicações com um ensaio do professor Gilberto Freire sobre assunto de arquitetura popular. (...) À presente publicação deverão seguir-se muitas

<sup>1</sup> Carlos Del Negro (1901-1991), foi Professor da Primeira Cadeira de Desenho da Escola Nacional de Belas Artes e, quando da criação da Faculdade Nacional de Arquitetura, também sob o âmbito da Universidade do Brasil, tornou-se catedrático de Modelagem Arquitetônica nesta Faculdade. Cf. Pereira, 2017.

<sup>2</sup> Entre os anos de 1946 e 1970 o antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (assim denominado desde a sua fundação em 1937) foi nomeado como “Diretoria”. Cf. Ribeiro, 2013, p.1.

outras, versando sobre os assuntos que constituem objeto deste Serviço. (...) Tendo por objeto questões gerais ou aspectos particulares da formação e do desenvolvimento das artes plásticas no Brasil, assim como estudos sobre materiais da nossa arqueologia, de nossa etnografia, de nossa arte popular, de nossas artes aplicadas e dos monumentos vinculados à nossa história, os trabalhos que serão dados à publicidade em seguida ao presente ensaio do professor Gilberto Freire visarão informar e a instruir com seriedade os interessados sobre aqueles assuntos (Andrade, 1937, p.9-16).

Esse interesse na publicação de estudos e obras de cunho acadêmico ditou, em parte, as ações empreendidas pelo órgão do patrimônio tendo em Rodrigo Melo Franco de Andrade o seu porta-voz e guia<sup>3</sup>. Conjuntamente aos processos de inventariação e tombamento de obras do patrimônio brasileiro, tanto a *Revista* quanto as *Publicações* definiam o tom acadêmico que viria a cancelar a postura e ação do órgão. Nesse sentido, a atuação de Andrade como figura proeminente foi significativa, dada a centralização dessas atividades em sua própria pessoa à frente do SPHAN: em grande medida ele próprio convidava membros do seu círculo para realizar publicações, realizava os prefácios (muitos deles com importantes contribuições ao conteúdo das obras, como no volume de Del Negro) e colaborava com informações específicas oriundas das pesquisas realizadas e da documentação coletada pelo próprio órgão.

Se, de um lado, temos a atuação expressa por parte do diretor do órgão como fomentador das pesquisas, de outro vemos também a constituição de um importante ciclo de acadêmicos que passariam a se debruçar sobre o patrimônio brasileiro como campo de estudo. Desses se destacam o que Myriam Oliveira denomina como uma espécie de tríade da “moderna historiografia da arte brasileira do período colonial” (Ribeiro, 2006, p.9), formada por estudiosos estrangeiros, a saber: o francês Germain Bazin, o inglês John Bury e o americano Robert Smith. As pioneiras publicações de Bazin<sup>4</sup>, um primeiro grande esforço de síntese sobre o barroco, e as diversas publicações fundamentais sobre a arte colonial brasileira dos demais autores<sup>5</sup> constituiriam as bases para a projeção de estudos sobre o período, inclusive a nível internacional.

---

<sup>3</sup> Santos define que, para além da personalidade carismática e agregadora de Andrade, considera que “há uma perfeita simbiose existente entre a sua biografia individual e a própria história da instituição”, referindo-se aos diversos feitos do autor/ator do SPHAN. (Santos, 1996, p.77).

<sup>4</sup> Bazin, 1956-58 e 1963. Mais tarde essas obras foram traduzidas e publicadas no Brasil, Bazin, 1983 e 1971, respectivamente.

<sup>5</sup> De Robert Smith, sobretudo “Minas Gerais no desenvolvimento da arquitetura religiosa colonial” (1937), “O caráter da arquitetura colonial do nordeste” (1940) e “Jesuit buildings in Brazil” (1948), republicados e

A construção desse aparato acadêmico viria a ampliar e aprofundar a noção do patrimônio a ser preservado e, ao mesmo tempo, contribuía para a eficácia de um “discurso autorizado do patrimônio”<sup>6</sup>. Essa noção é significativa, pois o antigo SPHAN se sustentaria basicamente a partir desse discurso “científico” dado por uma comunidade que pode ser também entendida como uma “academia” (Santos, 1996, p.78). Esse ímpeto de autoridade sobre o patrimônio encontraria eco, por exemplo, no mesmo prefácio de Andrade à primeira publicação, no qual definia que

[o] Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se empenhará no sentido de impedir que a literatura enfática ou sentimental, peculiar a certo gênero de amadores, se insinue nestas publicações. Por este meio, não interessa divulgar páginas literárias, ainda que brilhantes. O que interessa é divulgar *pesquisas seguras, estudos sérios e trabalhos honestos* e bem documentados acerca do patrimônio histórico e artístico do Brasil. Estas publicações não tem outra finalidade (Andrade, 1937, p. 16).

Essa oposição a uma leitura “romanceada” dos objetos do patrimônio (sobretudo o patrimônio edificado, vale ressaltar) demonstra esse espírito acadêmico-científico do grupo e, em certa medida, até mesmo o afasta do debate público, ao constituir uma linguagem própria, carregada de um vocabulário restrito e que define a autoridade sobre o patrimônio. Em suma, era precisamente o momento de definição do campo do patrimônio no país (Rubino, 1996). No nosso caso de estudo específico, na figura de um acadêmico nacional - o professor Carlos Del Negro - retoma-se a importância do estudo sistemático, “seguro, sério e honesto” sobre a noção do patrimônio almejada para o SPHAN.

Importa saber que Carlos Del Negro não foi um nome aleatório para a publicação e, justamente por isso, mereceria figurar entre a lista dos autores notáveis que colaboraram sobre o patrimônio brasileiro. Parte da sua trajetória acadêmica explicaria a sua autoridade no que diz respeito ao conhecimento teórico e prático das artes, desde a sua formação na

---

traduzidos em Smith, 2012. De John Bury, “Jesuit Architecture in Brasil” (1950); “Estilo Aleijadinho and the churches of the 18<sup>th</sup> century in Brazil” (1952) e “The borrominesque churches of colonial Brazil” (1955), republicados em português em Bury, 2006.

<sup>6</sup> A noção de “Discurso autorizado do Patrimônio” (*authorized heritage discourse*) provém da análise de Smith acerca da existência de um mecanismo, dado em forma discursiva, que institui uma autoridade tanto pela habilidade em se falar sobre o patrimônio e dar sentido à experiência estética dos indivíduos e da política patrimonial quanto pela própria institucionalização estabelecida sobre códigos de conduta ancorados nacional e internacionalmente Cf. Smith, 2006. No caso brasileiro entendemos o discurso autorizado estabelecido por uma instituição política governamental (SPHAN) que reforça seu lugar de fala a partir de contribuições especializadas, sobretudo de origem acadêmica, que constitui o campo de saberes acerca do patrimônio nacional. Cf. Chuva, 2009.

Escola Politécnica de Engenharia do Rio de Janeiro, passando pela Escola Nacional de Belas Artes e Conservatório de Música até a chegada, já como professor, tanto à Escola Nacional de Belas Artes de sua formação quanto à Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (Péret, 1967, p.3). A considerar apenas as suas publicações<sup>7</sup>, vemos em Del Negro um interesse constante pelo estudo das técnicas ligadas ao desenho, escultura, baixo relevo e modelagem e, sobretudo, pelo conhecimento teórico da perspectiva aplicada à arte. O conjunto dessa trajetória acadêmica poderia explicar o interesse imediato do autor pelas pinturas produzidas em território mineiro, em que se percebe uma constante tentativa de se aplicar os princípios da perspectiva, baseados em modelos estrangeiros e de forte conotação local. E se o interesse do autor se explica por sua trajetória, a sua própria atuação como acadêmico, intelectual e profundo conhecedor do objeto justificaria também a importância da publicação de um trabalho junto à instituição que o promovia.

Para além de um interesse particular do autor pela pintura realizada no território poderia se conjecturar também a sua inserção no campo intelectual que tinha o barroco brasileiro e, em especial, o mineiro, como tema de estudo. Consideramos, por exemplo, a aproximação direta com a publicação de Germain Bazin sobre a Arquitetura Religiosa que havia lançado o primeiro volume na França há apenas dois anos (1956) antes da *Contribuição* de Del Negro, fruto de um percurso de pesquisa que já completava dez anos. Naquela altura, Bazin já declarava que seu estudo se organizaria justamente em torno da arquitetura, pelo próprio volume dos objetos que levou em consideração:

Se excluimos deste estudo [sobre Arquitetura Religiosa no Brasil] os azulejos, pintura monumental e o mobiliário, foi só visando delimitar as proporções de uma investigação que já abrangia um número considerável de monumentos inéditos, a fim de conseguir levá-la a um bom termo (Bazin, 1983, p.15).

Nesse sentido, os estudos de Del Negro sugerem o preenchimento dessa lacuna não abordada por Bazin e que, circunscritos às Minas Gerais, já dariam um panorama das obras que se encontrariam em todo o território brasileiro, uma vez que, nas palavras do diretor do

---

<sup>7</sup> A lista de publicações de Del Negro é extensa, correspondendo um levantamento inicial de 20 volumes que versam, por exemplo, sobre técnicas artísticas [*Desenho e relevo* (1938); *Da nomenclatura das cores* (1942) e *Do ornamento* (1961)], estudos de perspectiva [*Desenho artístico e perspectiva linear* (1942); *Sobre o método do duplo ponto de fuga* (1947); *Considerações sobre a Perspectiva de Euclides e a Perspectiva Linear* (1953)] e análises de obras brasileiras, sobretudo do período colonial [*Teto da nave de São Francisco de Assis – o número de ouro* (1955); *Escultura ornamental barroca do Brasil – portadas de Igrejas de Minas Gerais* (1961); *Antônio Francisco Lisboa, escultor de ornatos* (1965)]. Grande parte dessas obras foi publicada pela própria Universidade do Brasil, quando ali lecionava.

SPHAN, “os exemplares dessa espécie que se encontram na área do atual Estado de Minas Gerais são possivelmente os mais interessantes e valiosos do acervo pictórico nacional” (Andrade, 1958, p.7).

Para realizar a pesquisa-base para o estudo, Del Negro empreendeu viagens para o reconhecimento local das pinturas nas cidades mineiras. O autor

estudou-as [as pinturas] cuidadosamente, não só as que enriquecem os tetos das igrejas localizadas nas principais cidades de origem colonial, mas também dos templos situados em vilas e arraiais distantes, de acesso difícil e onde as condições de hospedagem mortificam os visitantes comodistas (Andrade, 1958, p. 10).

Esse elogio à viagem, ao desbravamento das terras desconhecidas, dada a sua distância e inacessibilidade, parece ser um importante tópico para se engrandecer o trabalho realizado nas primeiras décadas do Serviço do Patrimônio. À altura das publicações de Del Negro muito já havia sido levantado pelo SPHAN, de que temos notícia, por exemplo, para a composição da obra de Germain Bazin a respeito da arquitetura religiosa no Brasil<sup>8</sup>. Essa “fase heroica” do Patrimônio, como muito referenciado, amplia ainda mais o sentido de pioneirismo dos técnicos e acadêmicos do SPHAN e encontra eco em várias outras situações. As viagens faziam parte da instituição como “Academia” e, em certa medida, se relacionavam também com a noção de reconhecimento das bases da formação nacional, tão apregoada pelos artistas do período. Alguns artistas modernistas empreenderam essas viagens, como por exemplo os casos de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na “Caravana Modernista” de 1924 (Santos, 1996, p.92) ou, ainda mais cedo, o longo percurso realizado por José Wash Rodrigues a partir de 1918 com o objetivo de coletar exemplares de diferentes elementos da arquitetura antiga do Brasil, formando mais tarde o seu *Documentário Arquitetônico*, importante reunião de referências inclusive para os desdobramentos do neocolonial (Rodrigues, 1951)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> No prefácio à *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*, Bazin assim se refere: “O centro dos meus trabalhos de pesquisa foi o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fundado em 1937 por um sábio ilustre, a quem o Brasil deve a conservação de suas obras-primas: Rodrigo Melo Franco de Andrade. Dando provas de um notável espírito de cooperação científica, ele fez questão de que eu me fizesse valer de sua experiência e deu-me livre acesso aos arquivos de seu Serviço, constituídos de cópias que haviam sido realizados in loco, pelos diversos correspondentes do Patrimônio. Quer esses textos tenham sido publicados ou não pelo Serviço, o reconhecimento histórico deve ser dirigido a esses valorosos homens de pesquisa.” (Bazin, 1983, p.16) Sobre o processo de elaboração da obra e as dificuldades para a sua publicação, cf. Uribarren, 2018.

<sup>9</sup> Agradeço ao Professor Doutor Marcos Tognon por essa referência.

Dessas viagens de Del Negro surgiu o relato - nada literário ou saudosista, mas pragmático, topicalizado, praticamente seguindo o modelo sugerido por Andrade para as *Publicações* do SPHAN – que daria corpo ao livro da *Contribuição*. A estrutura do volume, no entanto, fazia ecoar um importante aspecto das noções de ação do Patrimônio empreendidas pelo SPHAN: tratava-se da constituição de um *inventário* como prática fundamental para os trabalhos de patrimônio. Se levarmos em consideração parte do comentário de Andrade sobre a relevância da obra de Del Negro (um “estudo preparatório indispensável”), já se vê naquela obra a conjunção entre duas práticas, o inventário associado ao estudo acadêmico. A importância do inventário é fundamental em qualquer órgão de Patrimônio. Como exposto por Azevedo:

Quando a sociedade brasileira, através de seus intelectuais e lideranças políticas, iniciou (...) a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, duas reivindicações complementares viriam à tona: *inventariar*, o que vale dizer, identificar e registrar as manifestações culturais para a história, e *conservar* os exemplares mais representativos para as gerações futuras. Estas duas ideias, nascidas gêmeas, seguiram caminhos distintos. Enquanto a conservação teria um grande desenvolvimento, o recenseamento da nossa cultura seria confundido com o tombamento, aplicado apenas aos bens excepcionais, o que reduziria o inventário a uma atividade limitada e independente (Azevedo, 1987, p. 82-85) (grifo nosso).

Essa discussão sobre o inventário estaria, por exemplo, no Anteprojeto de Criação do SPHAN de Mário de Andrade, ainda em 1936, em que se percebe uma primeira proposta do que viria a ser a prática de tombamento e que, basicamente, se relaciona com esse necessário estágio anterior, a inventariação. Essa “atualíssima metodologia de inventariação”, nas palavras de Azevedo, corresponderia a elaborar um documento que contemplasse:

1. Fotografias ou várias fotografias;
2. Explicação dos caracteres gerais da obra, tamanho, condições de conservação, etc.
3. Quando possível, nome do autor e biografia deste;
4. Datas;
5. Justificação de seu valor arqueológico, etnográfico ou histórico no caso de pertencerem a uma destas categorias (...) <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Os demais pontos versam sobre obras de caráter ‘folclórico’, musical ou de arte popular. (Azevedo, 1987, p. 82-85). Importa salientar, ainda, que a maioria das ações empreendidas por Mário de Andrade em seu anteprojeto não foram levadas a cabo pela política do SPHAN nos anos seguintes. Cf. Rubino, 1996.

A estrutura da obra de Del Negro segue exatamente esse modelo: 1) o estudo é acompanhado de fotografias obtidas tanto diretamente nos arquivos do DPHAN quanto as realizadas pelo Comandante Ruy Del Negro Fonseca, que acompanhou o autor nas viagens<sup>11</sup>; 2) todos os estudos seguem o padrão de apresentação das características gerais e, quando possível ou necessário, dos seus pormenores; 3 e 4) os parágrafos finais de cada seção sugerem a autoria e datação da obra (informações obtidas em pesquisa realizada no SPHAN ou por intermédio de Rodrigo Melo Franco de Andrade); e, por fim, 5) a justificativa que se condensa no “Resumo Crítico” ao final da obra.

Em termos quantitativos, o volume da *Contribuição* de Del Negro apresenta os seguintes dados: foram visitadas 17 cidades do território mineiro em que se encontram 23 igrejas analisadas pelo autor. Nesses edifícios foram levantadas 56 obras, distribuídas majoritariamente na capela-mor e nave, mas com algumas análises pontuais de pinturas sob o teto coro e sacristia, além da pintura parietal e quadros. As fotografias dessas pinturas, em número de 63, foram realizadas pelo Comandante Ruy Del Negro Fonseca (37) e também recolhidas nos arquivos do DPHAN (26). Esses números sugerem corresponder a um longo processo de viagens, pesquisa e inventariação, dispostos pelo autor em ordem cronológica, tanto quanto possível pela referência na documentação disponível.

Por ser um estudo introdutório sobre o conjunto de pinturas existentes em Minas Gerais até a altura, Del Negro desenvolve o “Resumo Crítico” de modo a abarcar toda a sorte de pinturas encontradas no território. Para tanto, a partir da observação em conjunto das obras levantadas, sugere quatro pinturas que serviriam de modelo para as demais. Esse sentido de unicidade e precedência das obras reforça a ideia de conjunto, da relação indissociável entre as pinturas e, em certa medida, poderia contribuir para o reforço no processo de conservação desses exemplares. Del Negro não estabelece uma hierarquia entre as obras nem tampouco elenca apenas aquelas monumentais ou de alta qualidade técnica: ao contrário, esforça-se em encontrar em cada uma das obras analisadas um aspecto que lhe confira singularidade e importância.

---

<sup>11</sup> No volume da *Contribuição* Del Negro agradece “ao Comandante Ruy Fonseca que se prontificou a nos acompanhar na excursão às cidades de Minas Gerais e a quem devemos a maioria das fotografias”. (Del Negro, 1958, p.153). Já no segundo volume o autor das fotografias tem a obra a ele dedicada, em função de seu falecimento. “Dedico ao Dr. Ruy Del Negro Fonseca – dolorosamente desaparecido – pela sua inesquecível companhia em grande parte destas pesquisas, tão do agrado do seu coração generoso, prestativo, alegre – agora para sempre lembrado com os temas sacros das pinturas de igrejas, no perfume dos ornamentos florais”. (Del Negro, 1978, p.7).

Façamos um breve apanhado de seu resumo crítico. Del Negro elenca, de antemão, algumas características para fazer sua seleção e categorização, como a autoria, o período, a localidade e, sobretudo, os aspectos formais da arquitetura pintada, para o estabelecimento de modelos. O primeiro deles se associa unicamente àquela considerada a pintura mais antiga do território, da capela-mor da Matriz de Cachoeira do Campo, de autoria de Antônio Rodrigues Belo, que teria sido realizada em 1755 conforme a documentação. O autor da pintura realiza a continuidade do espaço real arquitetônico na pintura, determinada pelas figuras femininas em correspondência com as colunas reais. No centro se encontra uma visão emoldurada por querubins e anjos. Del Negro demarca ainda a singularidade desse modelo, pela rara presença de edificações que contenham tanto a ordem arquitetônica real quanto a abóbada de berço decorada.



MODELO I – CACHOEIRA DO CAMPO, Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (capela-mor) Antônio Rodrigues Belo, 1755. Vista do teto e detalhe da janela de prospecção pós restauro.

Importa notar duas questões centrais: a primeira diz respeito à relação direta entre a pintura e a arquitetura e, nesse caso, o quanto a forma desta modifica diretamente aquela, em função da noção de continuidade do espaço. Esse ponto torna singulares as obras integradas à edificação, o que reforça a necessidade do estudo mais abrangente que inclui a percepção de ambas, arquitetura e pintura. A outra questão diz respeito à análise das modificações das obras ao longo do tempo: Del Negro analisa essa pintura como a mais antiga e singular do território, porém, quando dos estudos para o restauro (realizado entre 2012 e 2014) descobriu-se que a obra visível no forro tratava-se, na verdade, de uma repintura, realizada ao menos um século depois, que cobriu parte significativa da estrutura arquitetônica

subjacente. A discussão do processo de restauro e da escolha da pintura a ser mantida foi parcialmente resolvida com a abertura de janelas, permitindo entrever a pintura mais antiga. Esse debate, necessário ao restauro, se desenvolve também na compreensão histórica dos elementos que definem essa pintura.



MODELO II – MARIANA, Sé Catedral (capela-mor) Manoel Rebelo e Souza, 1760.

O segundo modelo segue a ordenação cronológica e tem como base a pintura da capela-mor da Sé de Mariana, de 1760, realizada por Manoel Rebelo e Souza. Del Negro assim o define: “sobre um embasamento assenta uma ordem arquitetônica de colunas geminadas com entablamento corrido circular” (Del Negro, 1958, p.131). Desse modelo surgiriam outras representações de cúpulas como a da capela-mor da Matriz de Santo Antônio de Ouro Branco. Já o terceiro modelo é estabelecido por Del Negro por apresentar características semelhantes e que ele denomina como a “Escola de Mariana”. As obras que deram origem a esse modelo são a capela-mor e nave do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas, realizadas por Bernardo Pires da Silva (entre 1773 e 1775) e por João Nepomuceno Correia e Castro (1777-1787), respectivamente. Os tetos pertencentes a esse modelo são aqueles que apresentam “um quadro ricamente emoldurado à guisa de teto de um novo andar, sobre ordem arquitetônica que assenta na parte média das paredes laterais reais da igreja, apoiando-se também no arco cruzeiro e muro do coro por meio de portal (óculo, vão, arco de triunfo, etc)” (Del Negro, 1958, p.134). Note-se que, para esse modelo, tanto importa, do ponto de vista formal, a relação direta com a arquitetura real, quanto, do

ponto de vista social, a reunião dos artistas desse mesmo partido sob uma única escola, essa que daria lugar ao artista principal da pintura mineira, Manoel da Costa Ataíde.



MODELO III – CONGONHAS, Santuário Bom Jesus do Matosinhos (capela-mor). Bernardo Pires da Silva, 1773-1775. e OURO PRETO, Igreja de São Francisco de Assis (nave). Manoel da Costa Ataíde, 1812.

O quarto e último modelo da *Contribuição* é aquele q apresenta maior simplicidade na estrutura, por conter apenas um muro-parapeito contínuo. “Não há trama arquitetônica sustentante. Esse modelo é particularmente apropriado para as abóbadas pequenas e estreitas onde a trama arquitetônica sustentante não se poderia desenvolver satisfatoriamente” (Del Negro, 1958, p. 146). De fato, esse último modelo seria capaz de abarcar as demais obras que não possuem uma estrutura arquitetônica que simule uma continuidade do espaço, mas apenas emolduram o teto para a imagem central, dada por uma tarja, visão ou quadro.



MODELO IV - SABARÁ, Igreja de Nossa Senhora do Carmo (nave). Joaquim Gonçalves da Rocha (atrib.), c 1812-1816.

Esses quatro modelos seriam suficientes para abarcar todo o conjunto de pinturas observado, fotografado e analisado por Del Negro. Contudo, com a inclusão de um novo

conjunto de pinturas, ainda mais significativo, da porção não contemplada no primeiro estudo, houve a necessidade de se estabelecer novos parâmetros para a classificação dessas obras.

## NOVA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA PINTURA MINEIRA

Na primeira incursão de Carlos Del Negro sobre as terras mineiras ficou evidente que o conjunto de obras só se tornaria mais significativo e vasto com a inclusão da porção norte do Estado. Dessa forma, já assinalava a necessidade de uma pesquisa que abarcasse também o Norte de Minas para a completa relação das obras. Rodrigo Melo Franco de Andrade relata, pesaroso, a impossibilidade de execução desse estudo para a publicação do volume:

A contribuição do Professor Del Negro amplia, pois, consideravelmente o âmbito de nossos conhecimentos sobre a pintura de perspectiva nos tetos das igrejas mineiras. Ressente-se, entretanto, por motivo do autor não ter podido ainda empreender viagens à área de Diamantina e do Serro, da omissão do acervo pictórico muito significativo e diferenciado daquela região (Andrade, 1958, p. 10).

Para dar sequência aos estudos, Del Negro iria empreender essas novas viagens para o norte do estado, o que culminaria em um trabalho que só seria publicado, mais uma vez pela conjunção do Ministério da Educação e Cultura e o IPHAN<sup>12</sup>, vinte anos mais tarde, em 1978, sob o título de *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira (Norte de Minas)*, integrando o 29º volume das *Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (Del Negro, 1978). Parte desse “atraso” na publicação se deve exatamente ao fato de Del Negro não realizar as viagens esperadas e por se inclinar para um novo projeto, ainda sobre Minas Gerais. Seguindo a mesma linha do estudo do patrimônio integrado à edificação, o autor desenvolveu um importante levantamento das portadas das igrejas coloniais, ao qual intitulou *Escultura Ornamental Barroca do Brasil – portadas de Igrejas de Minas Gerais* (1967) (Del Negro, 1967).

Interessa citar essa última publicação por ser um ponto de inflexão do estudo das pinturas. No ano de 1960, portanto logo depois da publicação da “*Contribuição...*”, Del Negro teria apresentado à Congregação da Universidade do Brasil, junto ao diretor da Escola Nacional de Belas Artes, um pedido de auxílio “para pesquisas a serem feitas (...) na região

---

<sup>12</sup> À altura dessa segunda publicação o órgão passou a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN – 1970-1979). Cf. Ribeiro, 2013.

de Diamantina, a respeito de tetos de igrejas coloniais, incluindo fotografias e redação de texto ou sobre escultura ornamental barroca do Brasil, incluindo igualmente fotografias e redação de texto” (Del Negro, 1967, p.1). Interessa perceber as duas frentes de pesquisa encaminhadas pelo autor, que tinham como objeto elementos específicos da arte colonial mineira. O estudo sobre a escultura ornamental foi também uma área de investigação forte do autor, não só por sua formação como escultor, mas por considerar, por exemplo, os desenhos de sua autoria ainda como professor na Escola Nacional de Belas Artes (Pereira, 2013). No ano seguinte, em 1961, o projeto foi aprovado e o autor optou pelo estudo das portadas das igrejas em Minas Gerais. Em seguida, daria início às viagens e estudos, finalizando apenas em 1964 e publicando a obra que condensaria o estudo sobre a escultura ornamental em 1967.

Em paralelo à pesquisa sobre a escultura, Del Negro continuou os estudos sobre a pintura dos forros das igrejas. A se valer da “nota prévia” à *Nova Contribuição* realizada pelo Diretor do IPHAN, Renato Soeiro, a investigação empreendida por Del Negro que então se publicava era resultado de uma “valiosa pesquisa que empreendeu até o findar-se dos anos sessenta” (Soeiro, 1978, p.7), o que denota que a publicação tardia na verdade se referia a um plano de estudos já consolidado e, possivelmente realizado concomitantemente ao estudo da escultura ornamental. Isso explicaria, em parte, a distância temporal entre a publicação das duas *Contribuições*.

A *Nova contribuição* segue o mesmo padrão estabelecido para o volume anterior: as obras são dispostas de acordo com as localidades e seus respectivos autores, sempre seguidas de fotografias. Nesse caso, em termos numéricos, foram 17 cidades, sendo a maioria na região norte do Estado. Nessas localidades foram analisados 38 edifícios contemplando um total de 78 obras. Nesse segundo volume o acervo fotográfico foi disposto ao final, perfazendo um total de 160 imagens. Essas fotografias não possuem nenhuma referência quanto a sua procedência ou autoria, possivelmente devido ao falecimento de Ruy Fonseca que havia acompanhado o autor durante as viagens para o primeiro volume.

No que diz respeito à documentação utilizada, sempre que possível Del Negro procurou apresentar dados relativos às fontes, sobretudo para embasar a ideia de uma singularidade da pintura do norte, com o estabelecimento de uma ‘escola’ e de uma área de influência de determinados pintores. Segue à descrição das obras um “resumo crítico” que

retoma os modelos de pintura apresentados na primeira *Contribuição* e acrescenta os dados coletados na pesquisa realizada no norte do Estado.

O tom apresentado por Del Negro na abertura desse novo volume é bastante significativo no que diz respeito à política patrimonial. Apresenta o crescimento das pesquisas sobre a pintura em Minas, “entre a alegria e a tristeza”. A alegria se daria pelo aumento significativo de publicações e do interesse pelo mundo colonial e sua produção artística. Por outro lado, incorreria na

Tristeza, porque as pinturas a têmpera, em sua maioria, estão mal conservadas devido à ação das chuvas; da totalidade delas, muitas desapareceram com a própria igreja, outras perderam-se total ou parcialmente, embora as construções ainda resistam às intempéries. Essa destruição, incontrolável em igrejas distribuídas por uma área extensa, concorrerá para que, em pouco tempo, quase nada mais reste das pinturas aqui descritas (Del Negro, 1978, p. 9).

Esse sentimento decorrente da imobilidade em relação à ação do tempo sobre os remanescentes da arquitetura colonial é também um apelo político - ou até denúncia - empreendido por Del Negro em favor da manutenção e conservação desses bens. O autor chegaria a concluir o prefácio com uma máxima em que afirmava: “por esta exposição, depreende-se que a salvação do nosso patrimônio artístico colonial é uma responsabilidade lançada a todos nós” (Del Negro, 1978, p.11). No que diz respeito ao norte de Minas, por exemplo, destaca seis edifícios que ruíram<sup>13</sup> (sendo que a maioria deixou de existir no espaço de tempo entre as duas publicações, ou seja, durante os anos em que Del Negro esteve no território), além de doze pinturas que se perderam, em função de desabamentos, repinturas, coberturas ou até de tábuas de tetos pintados que foram retiradas para outros fins (como as da Matriz de Conceição do Mato Dentro que serviram de forro para degraus de uma escada interna!). Toda essa preocupação, assinalada nas páginas da abertura do volume, denota na mobilização em favor do patrimônio.

É importante enfatizar esse aspecto do cuidado com a preservação dos edifícios principalmente para a manutenção do conjunto, já escasso, porém significativo, de obras do período colonial. O interesse de Del Negro, tendo em vista a sua bibliografia, privilegia essa

---

<sup>13</sup> A saber: a Matriz de Minas Novas (1925); a igreja do Rosário de Milho Verde (1965); a Matriz de Turmalina (1957); a capela do Cemitério de Turmalina (c. 1966); a Matriz de S. Gonçalo de Felisberto Caldeira (s/d); e a primitiva ermida de Matozinhos de Conceição do Mato Dentro (s/d). (Del Negro, 1978, p.9-10).

“arte antiga” como fundamento para o entendimento da arte brasileira. Por isso a investida em se consolidar os estudos para também justificar a conservação dos edifícios. Em certa medida, a conservação das edificações levada a cabo pelo SPHAN desde as suas primeiras investidas foi o que permitiu que ainda se mantivessem os exemplares da pintura dos forros respectivos, uma vez que são totalmente integrados e dependentes da conservação das edificações. Contudo, ressalta-se também que parte das pinturas levantadas por Del Negro encontram-se em estruturas arquitetônicas que não haviam sido elencadas nos primeiros processos de tombamento, talvez por serem essas edificações pouco expressivas no conjunto da arquitetura mineira. Nesse sentido, a importância da pintura, como mais um elemento da decoração interior, contribuiria para a preservação do edifício como um todo, dada a estreita relação entre este e o seu interior decorado.

A nova relação de obras analisadas por Del Negro modifica substancialmente os modelos anteriormente apresentados na *Contribuição*. Com a introdução de novos artistas e formas de se dispor as pinturas de forros, Del Negro necessita refazer a sua relação, seguindo o padrão:

- I. Pinturas de perspectiva (Tendo as principais obras de José Soares de Araújo em Diamantina e região)
- II. Balaustradas laterais e tarja
- III. Balaustradas laterais, arco e visão
- IV. Muro-parapeito e tarja
- V. Tarja
- VI. Painéis emoldurados

Essa modificação traz à tona a questão da dificuldade em se estabelecer uma classificação segura dos objetos inventariados, tombados, etc., em função da dinâmica de representação que se modifica tanto no tempo quanto no espaço. Além disso, na tentativa de se constituir de modelos para a pintura colonial, sobressaem as características dadas pelo próprio conjunto que se pretende analisar. É o que explica o aumento significativo de categorias das pinturas em função da ampliação do número de objetos analisados. Além disso, é evidente a similaridade de formas e de alguns elementos que constituem a pintura dos tetos, contudo, por mais específica que seja essa forma de representação, ela ainda carrega diferentes características que devem ser compreendidas no todo: a condição do suporte (formato do teto e materiais); a capacidade inventiva de cada autor (ou autores, visto que em muitos casos são várias as mãos que contribuem para a pintura) e as formas peculiares de representação. Ao mesmo tempo, essa pluralidade de formas revela a riqueza do

patrimônio, aqui circunscrito ao caso das Minas Gerais, mas que se estende como forma por todo o território brasileiro.

Por fim, a obra de Del Negro acaba por ser um importante documento para o reconhecimento de obras que, infelizmente, já se perderam nos anos posteriores à sua publicação. Apenas a título de exemplo, citamos o caso da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Berilo, demolida em 1991, após a constante degradação que já vinha sofrendo – Del Negro cita características das pinturas, em 1966, como “restos de decoração”, “monstruosamente mutilada”, “além de quedas de tábuas pelo apodrecimento”. (Del Negro, 1978, p.196-197). Essa igreja, tombada pelo IPHAN em 1974 (posterior, portanto, às visitas do autor) já se encontrava em avançado estágio de degradação em 1988 e foi finalmente destruída em 1991. (Paiva, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de finalização deste trabalho, cabe referenciar as duas *Contribuições* de Del Negro como importantes elementos para a compreensão do patrimônio artístico do período colonial nas Minas Gerais. A singularidade dessas obras pode ser atestada, por exemplo, pela ausência, na atualidade, de qualquer outra obra que tivesse o mesmo nível de abrangência. Não é à toa que os volumes se esgotaram rapidamente, apesar de não terem mais sido reeditados pelo IPHAN<sup>14</sup>.

Do ponto de vista do método, Del Negro conseguiu elaborar uma organização das obras que refletia o intuito dos intelectuais do órgão do patrimônio, sobretudo na apresentação técnica das peças, reunindo o maior número possível de referências, sem deixar de levar em conta a crítica de cada obra em seu pormenor. O aprofundamento, obtido a partir de uma análise do conjunto, fica expresso nos “Resumos Críticos” de ambos os volumes. Estas seções denotam o esforço em estabelecer tipologias, baseadas na constituição de modelos sugeridos por aproximação temporal, geográfica e, sobretudo, formal, segundo a formação e produção das “escolas” dos artistas mais reconhecidos (José Soares de Araújo e Manoel da Costa Ataíde, por exemplo). Tais concepções poderiam ser aplicadas, inclusive, de forma mais abrangente para todo o território nacional, quando sugere uma “unidade de concepção do modelo trazido para o Brasil” pelos portugueses, expresso nas pinturas do Rio

---

<sup>14</sup> Renato Soeiro, diretor do IPHAN na altura da publicação da *Nova Contribuição* refere que o primeiro volume “despertou o mais vivo interesse entre os estudiosos da arte e da história nacional, achando-se presentemente esgotada sua edição”. (Soeiro, 1978, p.7).

de Janeiro, Minas Gerais e Bahia (Del Negro, 1978, p.219). As tipologias ecoam as estruturas formais apresentadas por Heinrich Wölfflin, que o próprio Del Negro apresenta na introdução do resumo na *Nova Contribuição*<sup>15</sup>. Não é apenas uma referência ao trabalho do intelectual, mas sugere também alguma aproximação e aplicação do seu método de análise de obras, tema que ainda carece ser melhor investigado.

Um estudo sobre o processo de constituição das *Contribuições*, como aqui procuramos apresentar, também tende a promover um entendimento cada vez mais claro do que foi e é essa instituição do Patrimônio Nacional e quais são os mecanismos pelos quais ela conseguiu se consolidar ao longo de sua existência. A ausência de trabalhos dessa natureza relacionados às publicações – com exceção daqueles dedicados à *Revista do Patrimônio* –, em especial em relação à obra de Carlos Del Negro, nos exigiu percorrer as próprias *Publicações do Patrimônio* e as obras do autor. Tivemos que buscar ali por indícios de seu modo de execução, da linha editorial e do processo de realização desses estudos, uma vez que a documentação específica no IPHAN é, até onde pudemos verificar, inexistente<sup>16</sup>. Nesse sentido, o olhar sobre as *Publicações* como um ‘documento’, e as obras de Del Negro em particular, sugere novas frentes de trabalho que aqui não pudemos abarcar: a extensa produção teórica de Carlos Del Negro e as relações entre essas obras e sua atuação como docente na Escola Nacional de Belas Artes e na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil; as relações desse artista-intelectual com o movimento modernista e o interesse constante pela arte colonial, sobretudo a mineira; a importância das pinturas integradas ao patrimônio edificado no contexto das políticas do IPHAN e o papel que desempenham nos processos de tombamento; e os desdobramentos e fracassos do discurso autorizado na política patrimonial, na ação direta pela preservação e conservação do patrimônio. São apenas alguns apontamentos que denotam a riqueza dessas produções e que pretendemos nos debruçar em oportunidades futuras.

---

<sup>15</sup> Cita Wölfflin nos estudos sobre o *Renascimento e Barroco* e no estabelecimento dos pares conceituais presentes em *Conceitos fundamentais de História da Arte*. (Del Negro, 1978, p.217-222).

<sup>16</sup> Procuramos por referências junto ao Arquivo Noronha Santos do IPHAN no Rio de Janeiro e não encontramos nenhuma menção à Carlos Del Negro.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Prefácio. In: FREIRE, Gilberto. *Mocambos do Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / SPHAN, 1937. (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 1). p.9-16.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / DPHAN, 1958, (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 20).

AZEVEDO, Paulo Ormino de. Por um Inventário do Patrimônio Cultural Brasileiro, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 82-85, 1987.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. 2 v. Rio de Janeiro: Record, 1983.

\_\_\_\_\_. *Aleijadinho et la sculpture baroque au Brésil*. Paris: Le Temps, 1963.

\_\_\_\_\_. *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris: Librairie Plon, 1956-58.

\_\_\_\_\_. *O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1971.

BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Brasília: IPHAN / MONUMENTA, 2006.

CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória*. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (1930-1940). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / DPHAN, 1958, (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 20).

\_\_\_\_\_. *Escultura Ornamental Barroca no Brasil - portadas de igrejas de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura da UFMG, 1967.

\_\_\_\_\_. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira* (Norte de Minas). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / IPHAN, 1978. (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 29).

PAIVA, Celso Lago. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Berilo, Minas Gerais. *Bens tombados destruídos no Brasil*, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/lagopaiva/rosario.htm>. Acesso em: 13 jul. 2017.

PEREIRA, Ricardo A. B. A ENBA da primeira metade do século XX vista pela obra de alguns dos seus professores - uma gradual transição para o moderno. *19<sup>o</sup> & 20*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/ensino\\_enba\\_rp.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ensino_enba_rp.htm). Acesso em: 01 ago 2017.

PÉRET, José Amédée. Apresentação. In: DEL NEGRO, Carlos. *Escultura Ornamental Barroca no Brasil - portadas de igrejas de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura da UFMG, 1967.

RIBEIRO, Myrian. Prefácio. In: BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Brasília: IPHAN / MONUMENTA, 2006. p. 9.

RIBEIRO, Robson Orzari. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: textos de História da Arte engajados na política de preservação no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós Graduação em História, Campinas, 2013.

RODRIGUES, José Wash. *Documentário Arquitetônico*. 8 vols. São Paulo: Martins Editora, 1951. Agradeço ao Professor Doutor Marcos Tognon por essa referência.

RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, p. 97-105, 1996.

SANTOS, Maria Veloso Motta. Nasce a Academia SPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 77, 1996.

SMITH, Laurajane. *Uses of Heritage*. New York: Routledge, 2006.

SMITH, Robert. *Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo*. Brasília: IPHAN, 2012.

SOEIRO, Renato. Nota prévia. In: DEL NEGRO, Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira* (Norte de Minas). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / IPHAN, 1978. (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n° 29).

URIBARREN, Maria Sabina. Germain Bazin e o IPHAN: redes de relações e projetos editoriais sobre o barroco brasileiro, *Revista CPC*, v.13, n.25 especial, p.108–134, jan./set. 2018.